



DEBATE

Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários

Reflections on the methodology of research in literary studies

Fabio Akcelrud DURÃO (UNICAMP)*

RESUMO

A relação entre literatura e pesquisa é conflituosa. Se por um lado é essa última que torna factível a inserção dos estudos literários na universidade, por outro, quando convertida em uma prática dominante, a pesquisa tende a deformar tanto obras quanto leitores. O presente artigo pretende caracterizar concisamente o campo de forças gerado pela ascensão da pesquisa nos estudos literários em diversos de seus aspectos mais relevantes, desde a configuração do ato interpretativo até o funcionamento dos aparatos educacionais.

Palavras-chave: *Metodologia de pesquisa em estudos literários; crítica; universidade.*

*. Fabio Akcelrud Durão é professor Livre-Docente do Departamento de Teoria Literária da Unicamp. Formou-se magna cum laude em Português/Inglês pela UFRJ, e obteve o mestrado em Teoria Literária pela UNICAMP. Seu doutorado foi feito na Duke University, onde estudou com Frank Lentricchia e Fredric Jameson. Seus interesses de pesquisa incluem a Escola de Frankfurt, o modernismo de língua inglesa e a teoria crítica brasileira.

ABSTRACT

The relationship between literature and research is of a conflicting nature. If on the one hand without the idea of research it is impossible for literary studies to be established as an academic discipline, on the other, when it becomes a prevalent practice, research tends to disfigure both literary works and readers. This article aims at characterizing concisely the force field brought about by the rise of research in several of its most relevant traits, from the structure of the interpretative act to the broader functioning of educational apparatuses.

Keywords: *Methodology of research in literary studies; criticism; university.*

1. Pressupostos introdutórios

A ascensão da Teoria, uma nova formação discursiva nascida da teoria literária (cf.: Durão 2011), colocou a literatura no centro das humanidades. É muito difícil estudar antropologia, história ou sociologia, hoje, sem lidar com Adorno, Badiou, Bakhtin, Benjamin, Butler, Derrida, Deleuze, Foucault ou Lacan, dentre tantos outros; e é impossível abordar tais autores sem levar em consideração, em algum momento, obras literárias. Até mesmo o pós-modernismo, uma problemática que surgiu na arquitetura (cf.: Venturi, Brown, Izenour 2001), só consolidou-se conceitualmente de fato após as elaborações de Linda Hutcheon (1988) e Fredric Jameson (1991), críticos de formação em literatura. Em vista disso, torna-se óbvio o potencial epistemológico de obras literárias; com efeito, é mesmo possível dizer que cada uma das vertentes atuais da teoria, da hermenêutica ou estética da recepção até os *queer studies*, passando *New Historicism* e pós-estruturalismo, projeta um modelo de conhecimento específico a ser obtido a partir de textos ficcionais. A semiótica encontra neles construções verbais complexas, que permitem uma investigação aprofundada da natureza do signo; a desconstrução depara-se, através deles, com um fértil espaço para a demonstração do auto-desfazer de si da metafísica ocidental; o feminismo identifica tanto um veículo de cristalização de posições de gênero, quanto sua possível subversão; o pós-colonialismo, a consolidação de uma visão etnocêntrica ou a abertura para vozes oprimidas,

e assim por diante... Portanto, discutir teoria literária em sua acepção mais ampla terá sempre como pressuposto a capacidade que a literatura exhibe para ser algo epistemologicamente produtivo.

Esse preâmbulo, talvez óbvio, é importante para avançar uma segunda ideia, provavelmente inusitada, a de que os estudos literários são um campo aplicado. Não se deve tomar o adjetivo aqui em sua designação usual, como o simples deslocar de algo para outra esfera ou âmbito de validade; ao invés, ele denota a dependência constitutiva da literatura em relação a alguma espécie de *fazer*. As obras literárias somente existem quando lidas, ou, melhor, quando inseridas em um *ato*, seja o da leitura, seja o da escrita. O romance na estante é uma potencialidade; apenas ao me confrontar com ele converte-se naquilo que é. O reencontro com uma obra depois de décadas mostra como ela torna-se diferente de si mesma. Nesse sentido, embora a leitura seja uma prática fundamental e no fim confunda-se com a escrita, é esta que permite o pleno vir-a-ser da literatura: em última instância não existe saber do objeto literário sem o escrever sobre ele.

O presente artigo não pretende oferecer mais uma discussão a respeito das diversas escolas – críticas, filosóficas ou sociológicas – que se valem da literatura para gerar conhecimento. Já as há em demasia.¹ Em lugar disso, almeja desenvolver uma perspectiva que se poderia chamar de materialista, pois se a literatura não existe em um reino etéreo da significação, mas, pelo contrário depende de uma prática, as condições concretas nas quais isso ocorre possuem um papel determinante. Note-se bem, não se trata de reduzir o saber que é obtido de textos literários a suas condições de possibilidade, mas de averiguar a pressão que exercem para a *facilidade* de enunciação de modalidades particulares de discurso. O terceiro pressuposto deste artigo é o de que a forma predominante de geração de conhecimento por meio da literatura é hoje, no Brasil, a *pesquisa* e sua metodologia. A discussão abaixo pretende dar conta minimamente do caráter contraditório dessa noção.

1. O número de guias, introduções, compêndios, *readers*, manuais e antologias de teoria literária, para não mencionar estudos sobre autores particulares, já supera a capacidade de leitura dos próprios especialistas. A Teoria tornou-se uma indústria.

2. Desenvolvimento

0. Os estudos sobre metodologia de pesquisa, em todos os campos do saber, estão em alta. Desde a Química até a Educação Física, passando pelo Direito ou Arquitetura, todos estão curiosos a respeito do funcionamento específico de suas disciplinas, sem dúvida para poder operá-las mais eficientemente. Nos Estudos Literários, no entanto, a fome metodológica não pode ser saciada sem um certo desconforto, ou mesmo má-fé. Para que simplesmente fazer funcionar uma disciplina que não tem fim prático algum, que, a rigor, não serve para nada? O pesquisador-dentista almeja entender o *modus operandi* da investigação em sua área para, no final, poder tratar melhor dos dentes de seus pacientes. Nada de semelhante pode ser dito para a literatura. Como regra geral, qualquer reivindicação de finalidade deve basear-se em algum conteúdo que seria o veículo para sua realização (e.g. Odontologia → dente); isso, no entanto, não acontece quando o literário está em jogo, porque ele simplesmente não pode ser pressuposto. Não é possível postular traço ou característica qualquer que lhe seja inerente, pois, embora haja literatura, *não existe um discurso literário*. E se não há uma substância da literatura, algo que garanta de antemão o seu ser, também inexistente uma função: qualquer uma que se apresente encontrará solo mais fértil em outro campo de estudos (cf.: Durão 2008). *Isso significa que o conceito de metodologia, aqui, nunca poderá agir autonomamente, tendo sempre que estar subordinado a outro, o de crítica*. Falar de metodologia dos estudos literários tem como pré-condição incontornável criticar o desejo de reificar a metodologia como um fim em si.

1. O ideal da pesquisa é aquilo que liga os estudos literários à ciência; como já foi mencionado acima, o pressuposto de base para tanto é a possibilidade de se *produzir conhecimento a partir de textos particulares, concebidos como entidades a princípio autocontidas*. Sem isso, o ensino de obras literárias na escola e na universidade seria injustificável. Fazer pesquisa em literatura é diferente de apreciá-la, o que, em si, já representa uma objeção à pesquisa. Mais do que isso, porém, o conhecimento gerado deve ser específico, impossível de ser obtido em outras disciplinas. Se você lê Machado de Assis para saber como era o Brasil do século XIX, você está na História; se o seu interesse é entender a mente de Capitu, ou mesmo de Bentinho,

o melhor lugar para fazê-lo é na Psicologia, e assim por diante. Uma resposta que se tornou tradicional na teoria literária foi aquela dada pelos Formalistas Russos há quase 100 anos atrás, a da *literariedade*. Até hoje ainda é objeto de incompreensão. Com esse termo não se visava alcançar uma essência recôndita ou constante trans-histórica do fenômeno literário, mas justamente o contrário: a literariedade responderia pela *diferença* entre a linguagem adotada pelas obras e a cotidiana ou comum.² Grosseiramente exposto: se hoje predomina a coloquialidade, o literário será marcado pelo formal; quando se falava rebuscado, seria literatura o simples ou descomplicado. A fragilidade dessa hipótese – que, sem dúvida, foi concebida de maneira mais complexa do que colocado aqui, tendo posteriormente sofrido desenvolvimentos decisivos – não impediu que se tornasse influente, pois ela, ainda que precária, conseguia delimitar um espaço exclusivo para a literatura. O conhecimento que a pesquisa deriva do literário é uma função da *integridade do texto como objeto*. Isso significa que o *como* da obra tem primazia sobre o seu *o quê*, pois é aquele que dá forma, e assim determina, este último. Aqui, porém, ocorre uma viravolta, pois uma vez configurada a consistência interna do artefato, todos aqueles saberes excluídos anteriormente, o sociológico ou psicanalítico etc., podem desempenhar um papel significativo; mais do que isso, quando apreendida como algo em si, a literatura pode servir de inspiração para todas as ciências humanas. Para repetir, ela pode reivindicar uma posição de centralidade para o pensamento dos dois últimos séculos: dificilmente Marx, Freud, Nietzsche, Lévi-Strauss, Heidegger e tantos outros teriam conseguido construir seus edifícios de pensamento sem a influência ou mesmo o recurso a obras literárias. Mas o que fazer quando o objeto não se sustenta como tal, quando está tão permeado de lugares comuns ou pré-moldados narrativos que não pode ser concebido como algo singular? Neste caso, ou se encontra e explica uma causa que especifique o déficit, uma determinação que o torne quase necessário, ou haverá pouco a dizer. Obviamente, o lugar-comum e o pré-moldado narrativo podem eles mesmos converter-se em objetos de estudo.

2. A pesquisa em literatura aproxima-se da psicanálise, na medida em que se vê obrigada a investigar, com conceitos, processos que con-

2. cf. e.g. Sklovski (1991).

têm um componente aconceitual. Nisso, ambas as disciplinas mostram-se em sintonia com o espírito de nosso tempo, pois participam, tanto como causa quanto como efeito, da crise da razão ocidental, que outrora acreditava-se autossuficiente. Porém tanto os estudos literários quanto a psicanálise recusam-se a pensar seus objetos – artefatos de representação e o inconsciente – como absolutamente refratários à pesquisa, ainda que possam reconhecer limitações para seu esclarecimento, algo para o que Kant, no século XVIII, já apontava. No âmbito da composição da literatura, sempre haverá, certamente, um aspecto racional, o do plano, da ideia, da organização, da intenção (mesmo que uma ideia capaz de barrar as ideias, como na escrita automática do surrealistas, ou de uma intenção que almeja abolir todo intencional, como o *4'33''*, de John Cage...); por outro lado, ela sempre se mostrará como uma ocasião de descoberta. A frase tão comum entre os autores, “só sei de fato o que queria dizer quando acabo de escrever” é um truísmo, mas nem por isso menos verdadeiro. A ideia possibilitadora da pesquisa em literatura é a de que o artefato não sabe tudo de si, que é constituído de algum tipo de não-identidade interna.³ Algo semelhante ocorre na leitura. Aqui não se trata de recuperar a experiência de composição do autor (muito menos de reviver a sua vida), nem de decodificar uma mensagem submersa, mas de acompanhar a lógica, muitas vezes complexa, de um artefato, que se distanciava do autor já enquanto tomava corpo. O teor aconceitual da imaginação, o caráter mimético tanto da forma quanto da recepção dos textos, confere à pesquisa em literatura uma fragilidade não encontrada em outras áreas. A bem da verdade, o mesmo tipo de receptividade e abertura exigida para a leitura das obras deve estar presente na avaliação das apreciações dos críticos.

3. O cerne da pesquisa em literatura acontece em torno da *interpretação*. Não há uma receita ou fórmula, nada dado de antemão que assegure um ato interpretativo eficaz. Nesse sentido, qualquer metodologia em literatura conterà sempre algo de falho e insuficiente. Daí o leve absurdo da ideia de projeto de pesquisa: como não há

3. Mas vale observar as vezes em que a descoberta e elucidação da não-identidade, em uma segunda interpretação, parece ter sido propositadamente construída pelo artefato. Neste caso, a própria interpretação inicial deve converter-se em material e uma não-identidade superior, que a englobe, deve ser buscada. Isso ocorre porque a literatura não é feita de mimesis apenas, mas também possui um componente reflexivo, que pode trazer a interpretação para dentro de si.

garantia alguma de sucesso, de um ponto de vista lógico ele deveria ser escrito no final: o projeto se confundiria, assim, com o relatório. Talvez o máximo que possa ser dito a respeito daquilo que leva para a interpretação resume-se a uma mistura de atenção e despreocupação: atenção, para lidar com a linguagem como algo denso, que contém em si diferentes potencialidades, frequentemente em conflito, e para conseguir focar no detalhe e na minúcia, que são capazes de alterar o todo; despreocupação, para não tentar trazer para a obra uma agenda pessoal, não querer que ela seja o que você deseja, mas, pelo contrário, submeter-se à sua disciplina.

4. A estrutura proposicional do gesto interpretativo é simples: *x* *significa* *y*. O primeiro termo é algo que pode ser dado, que está imediatamente presente no objeto, embora não precise ser óbvio; na realidade, decalcá-lo já envolve imaginação e engenhosidade, e quanto menos evidente for à primeira vista, tanto mais interessante poderá ser a interpretação.⁴ *Y*, por outro lado, é um elemento que aparentemente vem de fora, que parece ser proposto pelo intérprete e originar-se em sua mente. O verbo estabelece uma conexão entre os dois; é ele que responde por aquilo que há na interpretação de lógico e rigoroso. No encontro entre autor, obra e pesquisador não existe nada semelhante a uma empatia mística ou sintonia transcendental: para a pesquisa, não há espaço para o inefável; ao invés disso, a relação entre *x* e *y* deve ser *demonstrada* com argumentos os mais claros e concatenados da maneira mais contundente. Se bem sucedida, essa forma de predicação gera um curioso efeito performativo: depois de enunciado, é como se *y* pertencesse desde sempre a *x*. Assim, “significar” perde algo de sua transitividade para assemelhar-se a um verbo de ligação. Com isso é possível perceber como a pesquisa em literatura não é nem exatamente dedutiva, nem propriamente indutiva, mas faz acontecer um amálgama dos dois. Grosso modo, se *y* for dedutivo, *x* será indutivo. Isso tem

4. *x* também pode ser algo construído, uma conjunção de objetos ou aspectos aparentemente desconectados. É interessante observar que a ascensão da Teoria como campo semiautônomo (Durão 2011) e dos Estudos Culturais deveu-se em certa medida à novidade daquilo que se colocava como objeto de pesquisa. Embora possa ser eletrizante tematizar algo inaudito ou arrojado (o abjeto, a tortura, o genocídio, a Barbie ou a Disney...), sem os outros elementos da estrutura proposicional a análise facilmente fica refém da moda. O mesmo pode ser dito da proposição *sobre x na obra/autor y*, quando *x* pretende ser algo inusitado.

consequências para a relação entre sujeito e objeto, pois ambos tendem a uma síntese, que no fundo acarreta uma dissolução mútua. Nos casos mais veementes, o efeito performativo é tão forte, que não se consegue vislumbrar o objeto de outra maneira senão como coincidindo com determinada interpretação. Quando isso acontece, o interesse do texto como alvo de investigação futura diminui – ou, mudando o ângulo, para que uma grande obra continue sendo grande, ela precisa esboçar alguma resistência à interpretação forte. Não há razão epistemológica ou ontológica *a priori* alguma que garanta que os textos clássicos continuem sendo fonte de saber. A pesquisa tem um comprometimento com a produção de um conhecimento *novus*; como ciência, há algo de impiedoso nela.

5. Embora não haja pesquisa sem interpretação, existe interpretação sem pesquisa. Esta última requer rigor; na ciências exatas, ela exige verificabilidade: reproduzindo-se fielmente as condições de um experimento, o resultado será sempre o mesmo. O equivalente disso nos estudos literários é a aplicação de uma teoria ou hipótese de leitura para objetos diferentes. Obras literárias interessantes acolhem com muita facilidade aquilo que se diz sobre elas, mas isso não significa que tudo possa ser dito, ou que todos os enunciados interpretativos, *mesmo aqueles dotados de uma exposição lógica criteriosa*, possam ter o mesmo interesse. Aplicar a outro uma hipótese de leitura formulada para um artefato específico, quase inevitavelmente gera algo previsível ou até mesmo entediante. *E, no entanto, do ponto de vista interno da pesquisa, não há nada de errado nisso*. Como ela está preocupada com o ineditismo do resultado e com a coerência interna do processo de exposição, não é capaz de julgar, a partir de si mesma, o valor daquilo que é produzido. Daí a pesquisa necessitar da crítica. Por outro lado, há tipos de interpretação cujo impulso é incompatível com a argumentação clara e bem estruturada. Construir um raciocínio cuja conclusão é apenas sugerida, é um método; também o é tentar apresentar, sem mediação, objetos diferentes, de forma que suas semelhanças ou contrastes falem por si sós. Tudo aquilo que Adorno elabora em seu famoso texto “O ensaio como forma” (2003) foge à noção de pesquisa. Paralelamente, tudo aquilo que Lacan enxerga no significante em sua relação com o desejo e com a formação do sujeito, como no “Seminário da ‘Carta Roubada’” (Lacan 1998), também é incompatível com a pesquisa tomada em seu significado estrito. Quando o objeto

comporta contradições em si, como no caso da própria pesquisa, a forma de exposição pode tentar trazer para seu interior a descontinuidade que o caracteriza. De qualquer maneira, em todos esses casos, e há ainda outros, sufocar a interpretação ao ideal de claridade *a priori* da pesquisa é como explicar uma piada.⁵

6. “Mas professor, qual a bibliografia para analisar esse romance?” Uma representação muito comum da pesquisa, talvez vinda já do ensino médio, é a leitura de uma bibliografia especializada. Isso está errado. Dominar aquilo que já foi dito sobre uma obra ou autor, por maior que seja o número de livros envolvidos ou a complexidade dos textos, pode levar à erudição, mas não é gerar um conhecimento novo. A interpretação necessita de uma *hipótese de leitura* para poder tomar forma. Note-se bem, o processo de sua construção não tem a ver com uma ideia de dificuldade, nem necessita de rituais iniciáticos; criar hipóteses de leitura é algo que pode ser ensinado desde a graduação, talvez mesmo antes, contanto que se tenha inventividade e ousadia. Justamente estas virtudes são inibidas quando se começa o estudo de uma obra literária com a bibliografia e não com a imaginação. Por outro lado, o entusiasmo da descoberta do já conhecido é típico dos principiantes ou dos amadores. Qualquer hipótese de leitura precisa ser testada e confrontada com o saber acumulado sobre o seu objeto. A diferença entre uma iniciação científica e um doutorado não é exatamente qualitativa, mas refere-se antes à profundidade e complexidade da hipótese de leitura e sua comprovação, ao horizonte bibliográfico que mobiliza e à contribuição que traz para a caracterização do objeto. Por fim, é importante ressaltar que a hipótese de leitura é flexível e inevitavelmente cambiante. À medida que se tem contato, tanto com a bibliografia secundária específica quanto com textos gerais e diversos, a hipótese de leitura sofre modificações. Um doutorado que acaba precisamente como proposto no começo é algo suspeito. A hipótese de leitura é um veículo de descoberta; se ela une sujeito e objeto, ela também promove o confronto da interioridade de uma intuição com o mundo das ideias e sua história.

5. É claro, há também aqueles casos de interessantes contradições performativas: descrever o ensaio de Adorno ou o significante de Lacan sob o prisma da pesquisa, afirmando de modo excessivamente claro o caráter problemático da clareza.

7. A noção é central e merece ser repetida: a hipótese de leitura não é uma listagem de predicados do objeto. O conjunto daquilo que pode ser dito de uma obra de peso aproxima-se do infindável; não se trata, assim, de descrevê-la, até mesmo porque a enumeração de adjetivos positivos aproxima o comentário da propaganda. No entanto, é impossível postular uma ideia interpretativa norteadora sem um componente descritivo, que já reorganiza o material na direção da hipótese de leitura. Com efeito, muitas vezes é mais enfático, embora bem mais difícil, não enunciá-la, deixando-a aparecer a partir do acúmulo de características do artefato engenhosamente encadeadas. Com alunos inteligentes, muitas vezes o aprendizado da pesquisa acontece mimeticamente, não a partir uma ideia a ser testada, mas com a apreciação sensível dos traços do texto.

8. A sedimentação da pesquisa no tempo, o acúmulo de referências bibliográficas sobre um mesmo assunto ou objeto, dá origem ao campo, que por sua vez configura a pesquisa. Ele é algo dinâmico, algo que se move; o pesquisador de primeira linha é aquele que consegue enxergá-lo de cima, que consegue visualizar com nitidez o rumo que está tomando. No Brasil, a ideia de um campo dos estudos literários é precária, pois falta-lhe uma densidade citacional, a leitura entre si dos pares. Há ao menos dois motivos principais para tanto. O primeiro é mais geral e refere-se à atual facilidade de combinação de diversos saberes para iluminar um dado objeto. Muito do recente interesse pela teoria literária deve-se a isso, a seu potencial de produzir conceitos novos que podem ser aplicados e extrapolados a obras literárias. E como a teoria é quase exclusivamente elaborada nos Estados Unidos e Europa, a leitura de pesquisadores brasileiros não decola. Em segundo lugar, a fragilidade da estrutura institucional dos estudos literários dificulta que pesquisadores restrinjam-se a uma área limitada demais de atuação; as demandas – de artigos, congressos, alunos de graduação e pós, da imprensa – são simplesmente diversificadas demais. É difícil fazer uma carreira no Brasil sendo exclusivamente um expert em literatura colonial, por exemplo, ou mesmo em romantismo; o que dizer então das literaturas de chinesas e indianas, que expressam um terço dos habitantes do planeta? A precariedade da noção de campo de pesquisa é um espelho do nosso subdesenvolvimento.

9. Devido à fragilidade do ensino de segundo grau e ao virtual desaparecimento da prática de leitura de literatura fora do ambiente

escolar, para a maioria das pessoas o primeiro contato sério com obras literárias acontece na graduação. Quanto melhor a universidade, mais comprometida estará com a produção de conhecimento e mais forte será o incentivo para fazer pesquisa. Isso, no entanto, pode ser nocivo. A pesquisa necessariamente implica uma postura investigativa submetida a uma lógica de meios e fins. De uma maneira ou de outra, é preciso obter *resultados*, sejam eles quais forem. Obviamente, essa relação instrumental não é a única imaginável no contato com a literatura; o ideal de pesquisa é extremamente tardio em relação a outras funções atribuídas à literatura, como por exemplo a de instruir com prazer, refinar o gosto, ou desenvolver a empatia por diferentes tipos de seres humanos. Com muita facilidade a pesquisa pode ofuscar outros tipos de leitura, excluindo do horizonte modos desinteressados de interação com o texto, que não lhe peçam nada. Ora, o desinteresse é precioso para a própria pesquisa, pois quanto maior for a bagagem do leitor, quanto mais profunda a sua experiência estética, tanto mais fácil será formular hipóteses de leitura ao mesmo tempo sólidas e inventivas. Como sob a égide da pesquisa a interpretação organiza o material textual segundo uma hipótese interpretativa, o acúmulo de saber tende a ser linear: o final de uma pesquisa incentiva sua continuação ou desenvolvimento em outro projeto. Em suma, o desinteresse convida à abertura mental, o que, naturalmente, favorece a imaginação. Além disso, a existência de um repertório anterior à *démarche* investigativa permite que seja desenvolvida uma relação mais pessoal, íntima, idiossincrática ou visceral com as obras literárias. O incentivo à pesquisa desde o começo da graduação, a ênfase exagerada na iniciação científica são problemáticas. Mais importante do que conseguir uma bolsa de IC com um bom projeto, seria poder participar de um clube literário ou ter um grupo de discussão em um bar. A primazia absoluta da pesquisa faz nascer o burocrata da interpretação.

10. Do que já foi dito até aqui, não deverá causar estranhamento enfatizar que todo o conhecimento que circunda uma obra literária – a vida do seu autor, as possíveis fontes e influências, o contexto histórico etc. – tem um valor meramente auxiliar e não se presta, em si e por si só, para a pesquisa. De novo, para ela, a literatura só existe como meio de obtenção de conhecimento; todo saber factual acumulado não lhe vale de nada, se não for colocado a serviço da formulação de novas hipóteses. Isso tem um efeito particularmente saudável quando

se pensa na sisudez e auto-importância que a literatura, como instância privilegiada da alta cultura, outorga a si mesma. A pesquisa pode ser um antídoto ao funcionamento social da literatura como simples capital simbólico.

11. O conceito de pesquisa não vislumbra um fim; como não comporta qualquer conteúdo, uma vez que seu traço definidor é formal – a produção de conhecimento novo – ele tem como essência o puro movimento. Isso pode trazer problemas para uma ciência baseada na interpretação de textos que, de uma maneira ou de outra, são entidades razoavelmente estáveis. Quantas interpretações de *Em Busca do Tempo Perdido* é possível realizar sem recair em repetição ou irrelevância? É apenas uma mente burocrática que vê nisso uma fonte de desânimo, pois a exaustão das possibilidades interpretativas eleva a dificuldade e o patamar da imaginação interpretativa. Com isso a pesquisa acaba se aproximando da literatura, que há muito se vê obrigada a superar suas próprias conquistas, para continuar a ser verdadeira a si mesma.

12. Sem dúvida causa espanto que, para a pesquisa, todo o saber acumulado sobre a literatura – tantas e tantas bibliotecas – só tenha interesse na estrita medida em que se preste a aprofundar uma hipótese de leitura. A pesquisa instrumentaliza o conhecimento adquirido sobre determinado objeto, fazendo valer apenas aquilo que contribui para a articulação do problema sobre o qual se debruça. Necessariamente, é impossível colocar na bibliografia todo o material que você leu sobre um determinado tema ou autor; algo sempre ficará de fora. Isso não deve ser apressadamente condenado, porque construir uma questão tem a sua beleza própria. Além disso, e mais importante: sem se dar conta, a pesquisa realiza uma crítica ao bacharelismo e à erudição como saber inerte.

13. A relação da pesquisa com o valor é complexa. Diferentemente da crítica, que é inescapavelmente valorativa, a pesquisa não é capaz de levar, a partir de si mesma somente, à determinação do bom e do ruim. O que ela consegue é legislar sobre a coerência interna dos argumentos e o ineditismo dos resultados obtidos. O parâmetro que usa para diferenciar o ótimo do passável é o da “relevância”, que responde pelo impacto de determinada investigação sobre o campo de estudos. Trata-se assim de uma medida interna, baseada na auto-referência,

incapaz de vislumbrar qualquer finalidade. Quando o impacto é débil – nada surpreendente em um campo esparso – o reconhecimento do valor é problemático.

14. Que a pesquisa em literatura tenha adquirido um status tão importante no mundo das Letras é revelador da sociedade que lhe deu ensejo. Sua preponderância diante das outras formas de apropriação de obras literárias – ou melhor, a facilidade com que faz obliterar outros usos, simplesmente retirando-os do horizonte do experienciável, aponta para o quanto a literatura retirou-se do *Lebeswelt* do mundo letrado. O pesquisador que escreve artigos contundentes sobre o papel do inebriamento no romantismo, quando se encontra com os amigos no bar para tomar cerveja, conversa sobre seriados televisivos ou sobre os filmes em cartaz.

15. Há algo de tipicamente brasileiro na ênfase sobre a pesquisa em Letras. Nela, é identificável o sucesso de uma coerente política governamental de institucionalização, que começou na década de 70 com os militares, e que fazia parte do seu projeto mais amplo de modernização conservadora. A vitalidade da ideia de pesquisa corresponde à força da pós-graduação em Letras no país, hoje já consolidada. A formação de um sistema de ensino e pesquisa de literatura, que vem melhorando com o tempo⁶, não possui o aspecto civilizatório, ou mesmo revolucionário, que muitos esperavam dele. Estudos Literários desenvolvidos podem conviver sem problema com uma ultrajante desigualdade social – afinal, sempre será possível fazer um evento sobre a literatura da favela ou da periferia violenta. Por outro lado, no entanto, é inegável a democratização decorrente desse processo, que hoje mobiliza um contingente considerável de professores, mestrandos e doutorandos. As Letras têm tido um papel importante de inclusão social e o número de pesquisadores na área que vieram de famílias pobres é bastante significativo. Se o que resta para a literatura é a universidade, a pesquisa ao menos faz claras as regras do jogo. Por mais que permita (ou mesmo incentive) a discórdia, estabelece critérios racionais dentro dos quais o debate ocorre. Ela regula o antagonismo, desempenhando uma

6. É importante ressaltar aqui que o fortalecimento recente do aparato da pós-graduação foi resultado de políticas governamentais que principalmente nos últimos 12 favoreceram o investimento na universidade pública. Trata-se de um avanço facilmente reversível com cortes de verbas e falta de compromisso com o ensino superior público e gratuito.

função democratizadora: sem ela, restariam as práticas de apadrinhamento, favorecimento e endogenia, ainda excessivamente cotidianas na academia.

16. A pesquisa e a universidade produtivista, regida pelo princípio de excelência, definem-se mutuamente.

Recebido em setembro de 2014

Aprovado em outubro de 2014

E-mail: fabioadurao@gmail.com

Referências bibliográficas

- ADORNO, T.W. 2003[1958]. “O ensaio como forma”, in *Notas de Literatura*. São Paulo: Editora 34, Trad. Jorge de Almeida.
- DURAO, F.A. 2011. *Teoria (literária) americana*. Campinas: Autores Associados.
- _____. 2008. “Sobre a relevância dos estudos literários hoje. *Linguasagem* (São Paulo)”, v. 2, p. 2., ISSN/ISBN: 19836988. http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao02/02e_fad.php
- HUTCHEON, Linda. 1988. *A Poetics of Postmodernism*. Nova York: Routledge.
- JAMESON, Fredric. 1991. *Postmodernism; or, The Cultural Logic of Late Capitalism*. Durham, NC: Duke University Press.
- LACAN, Jacques. 1998[1966]. “Seminário sobre a ‘Carta Roubada’”, in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Trad. Vera Ribeiro.
- SHKLOVSKY, Viktor. 1991[1925]. *Theory of Prose*. Normal: Illinois State University, Trad. Benjamin Sher.
- VENTURI, Robert; Denise Scott BROWN & Steven IZENOUR. 2001[1972]. *Learning from Las Vegas*. Cambridge, MA: MIT Press.